

MERCADOS

Por que os leilões do BC não seguraram a alta do dólar?

Em novembro, real só não perdeu das moedas da Venezuela, Chile e Zâmbia em desvalorização para a moeda americana, segundo a [Austin Rating](#)

Por **Tais Laporta**

© 28 nov 2019, 12h46 - Publicado em 28 nov 2019, 07h00



Até quarta (27), o real recuou 6% frente à moeda dos Estados Unidos no mês – queda bem mais expressiva pares emergentes como México, Turquia e Argentina. (Gary Cameron/Reuters)

Nos últimos dois dias, o **Banco Central** promoveu três leilões atípicos de **dólares** no mercado à vista para tentar conter a moeda americana, após ela se aproximar de 4,28 reais na sessão anterior. As intervenções ajudaram a segurar a cotação, mas o efeito foi limitado. Nas três ocasiões, a moeda voltou a subir e, nesta quarta-feira (27), quebrou seu terceiro recorde seguido de fechamento, **em alta de 0,44%, em 4,2586 reais**.

Os dois leilões extraordinários na terça-feira (26) e outro na quarta tiveram um efeito pontual – em linha com as declarações do presidente do BC, Roberto Campos Neto, que reforçou que o câmbio é flutuante e o órgão age apenas quando há problemas de liquidez ou para atenuar movimentos fora do padrão.

Com reservas internacionais da ordem de 370 bilhões de dólares, o BC tem lenha de sobra para queimar se quiser injetar dólar no mercado interno, com o objetivo de enfraquecer a moeda. Mas os últimos leilões mostraram um baixo interesse do mercado por dólares no mercado à vista.

Para o operador da H. Comcor Cleber Alessie, a demanda pelo dólar à vista não teve um efeito tão impactante porque o objetivo de quem especula com o câmbio, geralmente, é manter os recursos no Brasil e buscar hedge. “Tem uma demanda forte por derivativos [contratos futuros e swaps] neste momento. O investidor quer montar posição e se proteger de uma valorização maior”, diz.

A decisão do BC de ampliar a oferta de dólares é para apagar os excessos, explicou à Reuters o chefe de renda variável da Vero Investimentos, Fábio Galdino, acrescentando que o fluxo de saída de final de ano é mais acentuado.

Real entre as moedas que mais perderam valor em novembro

Em novembro, o real só ganhou do bolívar venezuelano, do peso chileno e do quacha de Zâmbia em desvalorização para o dólar, segundo um levantamento de **Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating**, com uma cesta de 121 moedas. Até esta quarta-feira (27), o real recuou 6% frente à moeda dos Estados Unidos no mês – uma queda bem mais expressiva que pares emergentes como México, Turquia e Argentina.

Após a escalada desta semana, estrategistas do Credit Suisse subiram sua projeção para o dólar a uma faixa entre 4,18 reais e 4,35 reais (ante 4,10 reais e 4,25 reais). O banco citou mensagens

“confusas” de autoridades sobre a política cambial e a tendência do mercado em reagir mal a estas mensagens.

Segundo o banco, outro aspecto que deixa os estrategistas cautelosos sobre um dólar mais baixo a partir daqui é que, embora a agenda de reformas seja “indubitavelmente construtiva”, a confiança na capacidade de entrega do governo está intimamente ligada à figura de ministro da Economia, Paulo Guedes.

“Não temos motivos para duvidar da determinação e do compromisso do ministro da Economia, mas suspeitamos também que a implacável vontade do mercado de vender dólar depois de saltos da moeda... pode começar a vacilar se os mercados começarem a questionar o papel do ministro no governo ou se ele pode se tornar objeto de críticas e/ou ataques constantes de membros da administração e de proeminentes integrantes do Congresso”, disseram estrategistas do banco suíço em relatório com data desta quarta-feira.

Os profissionais do banco também avaliaram que a mensagem do Banco Central ainda não é “suficientemente clara” para sugerir que pode intervir sob qualquer circunstância.

BC começou a vender dólares à vista em agosto

Em agosto, o BC anunciou que passaria a vender dólares no mercado à vista pela primeira vez em uma década, quando a moeda ultrapassou os 4 reais. A moeda foi vendida de forma simultânea com a tradicional rolagem de contratos de **swap cambial reverso**. O objetivo é irrigar o mercado interno com dólares e, assim, conter sua valorização frente ao real.

O Banco Central vendeu nesta quarta-feira 3 mil contratos de swap cambial reverso e até 150 milhões de dólares em moeda à vista, de oferta de até 15.700 e 785 milhões, respectivamente. Adicionalmente, vendeu 12.700 contratos de swap cambial tradicional em rolagem do vencimento janeiro 2020.

Por que o dólar disparou recentemente?

Ao cravar que é melhor o Brasil se acostumar com um dólar alto, o ministro da Economia, Paulo Guedes, talvez não imaginasse que a declaração levaria o câmbio a um estresse ainda maior. O **Banco Central** tentou acalmar o mercado após a moeda quebrar um novo recorde, atingindo o pico nominal de quase 4,28 reais nesta terça-feira (26). As intervenções no mercado à vista ajudaram, mas só como um paliativo.

A recente escalada do dólar desafia a tese de que a aprovação da **reforma da Previdência** e a agenda liberal do governo seriam as condições que faltavam para a moeda americana alcançar seu valor justo, fixado abaixo de 4 reais.

Projeções mais otimistas chegaram a ver o dólar entre R\$ 3,50 e R\$ 3,80 ao longo do ano, tomando como base este cenário construtivo. Aconteceu o contrário. Agora, economistas e agentes do mercado atribuem o enfraquecimento do real a um **coquetel de fatores que não estavam na conta, como a queda da Selic, uma possível percepção ruim sobre o Brasil e fatores internacionais.**